rodo pio

A sombra dá medo, mas não há por quê, ela não é a morte; vê-se que não é, pois está presente todas as manhãs e não diz nada, ao passo que a morte grita quando chega. Aliás, a sombra não pede nada, ela não tem fome.

No entanto, tome cuidado! Se a sombra não tem voz, como o eco, ela pode trazer bons ou maus agouros. Ela é trapaceira, ri pelas costas. Bota chifres e rabo em você.

Lançado na Europa no fim dos anos 1920, estes *Pequenos contos negros*, cheios de bichos e seres sobrenaturais, trazem histórias africanas recriadas por Blaise Cendrars, branco de alma negra que viajou pelo Brasil, caiu no samba, foi amigo de Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral e fez a cabeça dos modernistas, sendo também marcado pelo contato com nosso povo, nossa cultura.

sm

1 4 9 0 1 3
ISBN 978-85-418-0476-9
9 788541 804769

BLAISE CENDRARS

PEQUENOS CONTOS NEGROS

sm

PEQUENOS CONTOS NEGROS

BLAISE CENDRARS

Ilustrações Lygia Rocco
Tradução Priscila Figueiredo

sm

PEQUENOS CONTOS NEGROS

Título original em francês: *Petits contes nègres pour les enfants des blancs*
© Blaise Cendrars, 1928/ © Miriam Cendrars, 1999
© Lygia Rocco, 2013

Coordenação editorial Graziela R. S. Costa Pinto
Edição e preparação Fabio Weintraub
Revisão Marcia Menin e Carla Mello Moreira

Edição de arte Laura Daviña
Produção industrial Alexander Maeda
Impressão Completar nome da gráfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cendrars, Blaise, 1887-1961.
Pequenos contos negros / Blaise Cendrars ; ilustrações Lygia Rocco ; tradução Priscila Figueiredo. -- São Paulo : Edições SM, 2014.

Título original: Petits contes nègres pour les enfants des blancs.

ISBN 978-85-418-0476-9

1. Contos - África - Literatura infantojuvenil I. Rocco, Lygia. II. Título.

14-05147 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Contos : Literatura infantojuvenil 028.5
2. Contos : Literatura juvenil 028.5

Grafia conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

1ª edição 2014
3ª impressão 2018

Todos os direitos reservados a
EDIÇÕES SM
Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55
Água Branca 05036-120 São Paulo/SP Brasil
Tel. (11) 2111-7400
www.edicoessm.com.br

PEQUENOS CONTOS NEGROS

BLAISE CENDRARS

Ilustrações Lygia Rocco

Tradução Priscila Figueiredo

sm

SUMÁRIO

Preto no branco 7

Totens 13
A feiticeira 15
O dom da velocidade 21
Por que ninguém mais carrega o jacaré para dentro da água 23
O pássaro da cascata 27
Que ocupação estúpida! 32
O canto dos ratos 37
O mau juiz 41
Está bem, está bem 45
Possível-impossível 55
Por quê? Por quê? 67
O vento 85

Referências bibliográficas 91
Sobre a tradutora e a ilustradora 93

Preto no branco

Carlos Augusto Calil*

Blaise Cendrars, pseudônimo de Frédéric-Louis Sauser, nasceu em 1887, numa cidadezinha da Suíça de língua francesa, e desde muito moço procurou viver a vida com intensidade, fora das normas vigentes.

Menino inadaptado à escola, aos 17 anos muda-se para São Petersburgo, para aprender o ofício de joalheiro. Com inclinações anarquistas, acompanha os primeiros sinais da Revolução Russa, que eclodirá em 1917. Entre uma visita e outra à biblioteca pública da cidade, não lhe falta tempo para fundar o primeiro time de futebol da Rússia, em que ele é o dono da bola.

Em 1912 encontra-se sozinho em Nova York, onde passa fome e frio e escreve o poema *A Páscoa*, adotando o nome artístico de Blaise Cendrars, aquele Brás que renasce das cinzas. Estabelecido em Paris, as obras que então publica o consagram como grande poeta moderno, de versos livres.

Na Primeira Grande Guerra alista-se como voluntário para defender a França e em 1915 perde o braço direito, na explosão de uma granada no *front*. Superar a mutilação é penoso, pois o poeta tem de reaprender a escrever com a mão esquerda.

A devastação causada pela guerra põe em xeque os valores estéticos da doente civilização ocidental. Os artistas buscam uma nova sensibilidade e se voltam para valores mais puros, mais inocentes, e a arte negra entra na moda.

Em 1921, Cendrars publica *Antologia negra*, coletânea de contos em que destaca a literatura presente na documentação etnográfica recolhida por colonos e missionários na África.

Dois anos depois, escreve o roteiro de um balé ambicioso, *A criação do mundo*, no qual a origem do Universo se dá na "mama África". Em 1923, Paris está repleta de jovens artistas brasileiros, que, aí estudando ou se aprimorando, procuram se relacionar com os artistas consagrados, e Cendrars simpatiza com eles.

Estabelece amizade com o casal Oswald de Andrade – Tarsila do Amaral, escritor e pintora de destaque no movimento modernista, e aceita o convite para visitar nosso país. Em fevereiro de 1924, Cendrars desembarca no Rio de Janeiro. No Brasil, vive uma experiência decisiva, que marca sua carreira.

Foi amor à primeira vista. O poeta compreendeu de imediato a força do nosso povo simples e alegre. E notou a discriminação sofrida pelos negros e sua enorme força criativa e artística.

Nessa época, o samba começava a firmar-se como gênero musical característico do Rio de Janeiro, e Cendrars foi dos primeiros a apontar sua herança negra. Familiarizado com a cultura africana e com o *jazz* então nascente nos Estados Unidos, sua influência foi marcante no movimento de valorização do negro brasileiro.

No Rio, visita as favelas dos morros numa ambulância do Hospital do Pronto--Socorro e se torna amigo do compositor Donga (Ernesto dos Santos), cuja "Orquestra típica brasileira" queria levar à Europa.

Em maio de 1924, na Vila Kyrial, salão literário situado na Vila Mariana, em São Paulo, Cendrars dá uma conferência intitulada "Sobre a literatura dos negros". Relata então sua experiência de compilador da *Antologia negra* e destaca a característica oral dessa literatura composta dos "contos que os negros se contam à noite, em torno dos fogos de suas aldeias". Afirma ele à plateia paulistana: "O que caracteriza o conjunto da literatura negra é seu lirismo. O lirismo é um modo de ser e de sentir. Sabemos que a língua é o reflexo da consciência humana. A literatura dá a conhecer a imagem do espírito que a concebe".

Os *Pequenos contos negros para os filhos dos brancos* foram publicados em 1928[1]. Esse livro aproveita material que sobrara da antologia, contos que originalmente não eram destinados aos jovens, mas que Cendrars trabalhou poeticamente para torná-los seus e lhes dar novo direcionamento.

Blaise era renomado contador de histórias; muitos amigos dele se lembravam com entusiasmo: "Ah! Se ele tivesse escrito as histórias que contava!". Autor de talento eminentemente oral, que lograva pendurar a atenção da audiência em seu relato fantástico, assemelhava-se a um verdadeiro griô (músico e poeta ambulante) africano.

"Ei, vocês todos, escutem, escutem a história do...", eis o refrão do narrador deste livro, que manobra os elementos do extraordinário, desafiando a lógica dos adultos, para instaurar o primado do mundo mágico das crianças.

Elas detêm uma sabedoria desarmada, aberta às manifestações do ilógico e do sobrenatural. Por esse motivo, o narrador do conto "Totens" afirma categoricamente: "Um homem sensato não pode falar de coisas sérias a outro homem sensato: ele deve se dirigir às crianças". O poeta mandou um dos primeiros exemplares de seu livro à filha menor, Miriam, para que aprendesse a ler.

1 Aqui tomamos por base a edição de 1929, que acrescenta dois contos à de 1928: "A feiticeira" e "O dom da velocidade". [N. da E.]

Os pequenos contos são fábulas provenientes de um tempo que corresponde à infância da humanidade, cuja origem remonta ao continente africano. Neles, os bichos falam, as manifestações da natureza adquirem comportamento humano, descolam de seus atributos meramente físicos e objetivos. "A sombra é mágica. Melhor não olhá-la muito de perto. Ela fica à esquerda ou à direita, na frente ou atrás, em cima ou embaixo?"

O princípio da vida aí comparece em toda sua crueza primitiva: os seres vivos antes de tudo alimentam-se e agem para saciar uma fome ancestral. Os seres matam-se e devoram-se. Poderosos são aqueles que detêm a provisão de alimento.

A narração utiliza a repetição das situações e a naturalidade do assombro, como num sonho, em que tudo é permitido, pois a lógica do real foi suspensa. O babuíno é juiz, a criancinha é rei, o jacaré é ingrato, o lavrador é relapso, os gênios são geniosos, a árvore é orgulhosa, o passarinho é sábio e salva os homens, o vento é desmiolado, mas faz chover.

Do tempo em que passou no Brasil, nos anos 1920, onde conheceu "histórias verdadeiras", Cendrars guardou poucas imagens; uma delas é a foto de um negrinho de fazenda com seu chapelão de palha. Ao dono da fazenda onde se hospedava, ofereceu um exemplar do livro com a dedicatória: "Ao Paulo estas bem pequenas histórias dos grandes negros".

Sobre o desenho de uma divindade africana, escreveu à mão: "Este é Blaise". Como Vinicius de Moraes, outro grande poeta, Cendrars foi um branco de alma negra. Perguntem às crianças.

* Professor do Curso Superior do Audiovisual da ECA/USP. Em 1972, dirigiu o documentário *Acaba de chegar ao Brasil o bello poeta francez Blaise Cendrars*, produzido no âmbito da celebração do cinquentenário da Semana de Arte Moderna. Em 1978, colaborou com Alexandre Eulalio na edição de *A aventura brasileira de Blaise Cendrars*, cuja segunda edição foi por ele ampliada em 2001.

A Danie, em troca de seu pinguim,
e a Claude, por seu pintinho,
estas histórias
que as grandes crianças da África
contam umas às outras
para passar a noite
ao redor do fogo
e não dormir,
para os bichos
não se aproximarem,

Do seu amigo Blaise, o poeta,
e seu cachorro branco

(E a Henry, meu grumete, do Comandante)

TOTENS

Mezu, meniamor, memvéie meniamor mezê meniamorzê.

Assim me dizia um velho chefe beti[2], chamado Etutu, uma noite que falávamos das origens longínquas de sua raça, sobre a qual, grande viajante que era, ele me fornecia curiosos detalhes: "Um homem sensato não pode falar de coisas sérias a outro homem sensato: ele deve se dirigir às crianças".

— Pai — perguntei-lhe —, seu totem é o mais forte de todos?

— Oh! — ele me respondeu. — Os protetores não brigam entre si: o totem Mvul (o antílope) é tão forte como o totem Nzox (o elefante).

— Mas, pai, todos eles protegem igualmente? Todos têm a mesma força?

— Ah, isso não! O pai de toda a tribo, como você sabe, protege bem mais: ele cuida muito de seus filhos.

— E qual é o pai da tribo?

— Ora, o mais velho de todos. Você não sabia?

— E qual é o mais velho?

— Oh! Quer me enganar? Você bem sabe que o mais velho de todos é o pai Crocodilo, Ngan. Ngan é de longe o mais velho protetor da tribo. Ngan poderia "comer" todos os outros.

— Mas por que não têm todos o mesmo protetor? Vocês seriam muito mais unidos!

— Ah, isso não é possível. Seus filhos têm todos a mesma cabeça? E quanto à inteligência? E as árvores da floresta, são todas a mesma? Umas têm frutos bons de comer, outras não, e, no entanto, todas são árvores!

2 Uma das etnias que compõem o grupo banto, na África equatorial e austral. [N. da E.]

Assim são os protetores da tribo! Mas aquele que é o maioral, o avô, o que mais cuida de seus netos, o ancestral de todos, o mais próximo familiar de cada um, é... é...

— Quem é, pai?

— Ah, é Osusu, o Ngan-Esa!

— O que isso quer dizer?

— Ah, menino, pergunte às crianças!

— E onde ele fica?

— Ora, ora! Pergunte às crianças, a todas as crianças.